

TÉCNICA E DESVELAMENTO: A ARMAÇÃO (*GESTELL*) E A AMBIGUIDADE DE SEU PERIGO (*GEFAHR*) NA ERA DA RACIONALIDADE TÉCNICO-CALCULADORA*

TECHNIQUE AND UNVEILING: ENFRAMING (*GESTELL*) AND THE AMBIGUITY OF ITS DANGER (*GEFAHR*) IN THE AGE OF CALCULATIVE TECHNICAL RATIONALITY

Rondnelly Diniz Leite**

RESUMO

A presente comunicação investiga a essência da técnica no pensamento de Heidegger, tomando como eixo interpretativo a distinção entre a técnica antiga, compreendida como *poiésis* e a técnica moderna, caracterizada como *Gestell*. Nesse sentido, a técnica moderna será analisada como um modo histórico de desvelamento que determina a forma como os entes se manifestam, reduzindo-os à condição de fundo de reserva. Trata-se, portanto, de explicitar o nexo entre técnica e diferença ontológica, evidenciando como o predomínio da racionalidade técnico-calculadora encobre a distinção entre ser e ente, revelando o perigo extremo e a possibilidade daquilo que salva.

PALAVRAS-CHAVE: técnica; armação (*Gestell*); desvelamento (*Alétheia*); diferença ontológica; perigo (*Gefahr*).

ABSTRACT

This paper investigates the essence of technology in Heidegger's thought, taking as its interpretative axis the distinction between ancient technology, understood as *poiésis*, and modern technology, characterized as *Gestell* (Enframing). In this sense, modern technology will be analyzed as a historical mode of revealing that determines the way beings manifest themselves, reducing them to the condition of standing-reserve. Therefore, the aim is to clarify the connection between technology and ontological difference, showing how the predominance of calculative-technical rationality conceals the distinction between Being and beings, revealing the extreme danger and the possibility of that which saves.

KEYWORDS: technology; enframing (*Gestell*); unveiling (*Alétheia*); ontological difference; danger (*Gefahr*).

INTRODUÇÃO

Celebrar os 50 anos do legado de Martin Heidegger no Simpósio da PUC Minas exige de nós mais do que uma exegese histórica; demanda um confronto direto com a questão que talvez melhor defina a nossa época: a técnica. Em seu texto seminal, publicado em 1954, *Die Frage nach der Technik*, Heidegger não nos oferece uma crítica sociológica ou um manifesto

* Comunicação recebida em 27/05/2026 e aprovada para publicação em 01/06/2026.

** Doutor em Ciência da Religião pela UFJF. Professor do Departamento de Ciências Sociais e Filosofia do CEFET-MG. Email para contato: rondnellyleite@gmail.com.

tecnofóbico relativamente ao fenómeno da técnica, mas uma meditação ontológica sobre o modo como a civilização ocidental tem experimentado mudanças sensíveis e profundas quanto à sua sociabilidade e mundivisão. Nesse sentido, o diagnóstico heideggeriano acerca da técnica moderna, longe de ser uma mera crítica nostálgica, revela uma ambiguidade constitutiva de nossa época – em que o extremo perigo e a possibilidade daquilo que salva coexistem.

Para a consecução dessa tarefa, sob o influxo da posteridade filosófica de Nietzsche, Heidegger procura mostrar como a história da metafísica ocidental culmina na técnica moderna enquanto consumação do esquecimento do ser. Assim, mediante uma investigação histórico-ontológica da tradição metafísica, o filósofo busca explicitar, nas camadas mais profundas da história intelectual do Ocidente, o acontecimento destinal que prepara o advento do império da técnica moderna (Vaz, 2000, p. 150). Tal acontecimento consiste no esquecimento do ser.

Sendo assim, sua reflexão se insere no continente intelectual do que poderíamos chamar de uma crítica à constituição onto-teo-lógica da metafísica ocidental. Dito de outro modo, trata-se de uma investigação concernente à técnica moderna que não se orienta por um interesse técnico, senão pela pergunta sobre o sentido de ser; pergunta que, conforme Heidegger (1977, § 2), foi progressivamente obscurecida no interior da tradição metafísica a partir de Platão e Aristóteles.

O império da técnica, nesse sentido, não é um evento meramente acidental, mas a consumação desse longo processo de esquecimento do ser: a culminância de uma história na qual o ser foi progressivamente compreendido como presença constante, obliterando-se, assim, a diferença ontológica entre ser e ente. Em articulação com essa investigação histórico-ontológica, Heidegger adota outro procedimento metodológico que permite abrir ao pensamento a via secreta que medita sobre a copertinência entre a técnica moderna e a constituição onto-teo-lógica da metafísica tradicional, a saber, o passo de volta (*Schritt zurück*).

1 CRÍTICA À DETERMINAÇÃO INSTRUMENTAL E ANTROPOLÓGICA DA TÉCNICA

Tendo em vista essa metodologia, Heidegger inicia sua reflexão interrogando criticamente a compreensão da técnica que nos é mais familiar: sua determinação instrumental e antropológica. Hodiernamente, a técnica é compreendida como um elemento neutro a serviço de fins humanos, bem como um meio para se obterem determinados fins.

Heidegger não nega que essa definição seja correta; ela descreve adequadamente a técnica em seu uso ordinário. No entanto, para o filósofo, ela não é verdadeira; pois, em sua essência, a técnica não pode ser concebida como a totalidade dos artefatos técnicos instalados ao nosso redor – por exemplo, máquinas, satélites, aceleradores de partículas, entre outros. Além disso, a concepção de instrumento (*Zeug*) pressuposta por essa compreensão da técnica se baseia em uma interpretação do ente intramundano como coisa, isto é, como algo que “está-à-vista” (*Vorhandenheit*).

De fato, nessa definição, o ente não é compreendido a partir de sua inserção originária como serventia, isto é, a partir de sua significância prática anterior à sua tematização teórica como objeto. Isso significa, em outros termos, que a rede complexa de remissões, à qual chamamos “mundo”, ou seja, a totalidade articulada do significado dos entes que se manifestam ao ser humano em seus nexos recíprocos, é encoberta pela determinação instrumental e antropológica da técnica.

Ademais, a noção de instrumento, própria dessa determinação, está assente em uma aceção bastante limitada do que significaria o termo “causa”. Nesse sentido, esta seria compreendida como aquilo que provoca um efeito, isto é, aquilo por meio do qual outra coisa é efetuada (Heidegger, 2000, p. 9).

2 A TÉCNICA ANTIGA COMO *POIÉISIS*

É aqui que o passo de volta se torna decisivo. A fim de desvelar o que permanece encoberto na determinação instrumental e antropológica da técnica, Heidegger retorna ao sentido grego da palavra “causa” (*aitia*) e ao seu correlato, *téchne*. Contrariamente à concepção de causa como operar e efetuar, *aitia* significa o que compromete (*verschuldet*) outra coisa, ou seja, trata-se da responsabilidade articulada das quatro causas aristotélicas – material, eficiente, formal e final – no desocultamento que faz com que algo apareça. Nesse sentido, “as quatro causas são modos de comprometimento que se pertencem mutuamente” (Heidegger, 2000, p. 10).

Por sua vez, comprometimento é um ocasionar que faz com que algo advenha à presença (*Anwesen*), contribuindo para trazer à luz aquilo que, anteriormente, permanecia oculto. Por isso, o ocasionar não deve ser compreendido como simples fabricação ou produção técnica, mas como um trazer-adiante (*poiήσις*). Conforme observa Heidegger (2000, p. 12):

Um trazer adiante, *ποίησις*, não é apenas o fabricar manualmente, não é somente o trazer-o-aparecer-e-à-imagem-poético-artística. Igualmente, a *φύσις*, que a-partir-de-si-surge, é um trazer adiante, é *ποίησις*. A *φύσις* é, inclusive, *ποίησις* no mais alto sentido. Pois, o *φύσει* que se apresenta tem nele mesmo o despertar do trazer adiante, por exemplo, o desabrochar da flor no florescer (*ἐν ἑαυτῷ*)¹.

Sendo assim, a *téchne* grega pertence ao âmbito da *ποίησις*. Em sentido originário, trata-se de um saber que dirige o produzir, sem desafiar a natureza. É um desocultar (*Entbergen*) que convoca o ser humano a responder à interpelação do ser: um produzir que deixa vir à presença aquilo que emerge de si mesmo.

Nesse sentido, há, na relação do artesão ou do artista grego com o mundo, uma atitude de acolhimento e correspondência que não se configura como exploração ou provocação da natureza. A essência da *téchne*, portanto, não se reduz à habilidade técnica nem ao mero uso de instrumentos, mas consiste num modo de saber essencialmente vinculado à verdade (*ἀλήθεια*), enquanto salvaguarda da abertura originária do ser.

3 A TÉCNICA MODERNA COMO *GESTELL* (ARMAÇÃO)

Contrariamente ao que ocorre com a técnica antiga, o desocultar constitutivo da técnica moderna é, segundo Heidegger, um desafiar, uma provocação que interpela o aí-ser no sentido de pôr (*stellen*) a natureza como fornecedora de energia passível de ser extraída, transformada e armazenada como fundo de reserva disponível (*Bestand*). O campo, por exemplo, deixa de aparecer como âmbito de cultivo e passa a ser requisitado como unidade de produção, desafiado a desocultar-se como objetividade calculável. Nesse sentido, a lavoura de café existe em função do consumo; objeto encomendável para a indústria alimentícia. Ela já não é mais cuidada nem guardada pelo camponês.

Portanto, o tipo de desocultamento característico do que vem à luz por intermédio desse pôr desafiante é aquilo que subsiste no sentido da estocagem e do estar-disponível. É assim que o desocultar desafiante da técnica moderna se essencializa (*Wesen*). Heidegger utiliza o termo *Gestell* (armação) para nomear a essência desse fenômeno. *Gestell* é, portanto:

[...] a reunião daquele pôr que o homem põe, isto é, desafia para desocultar a realidade no modo do encomendar como estoque. Armação significa o modo do desocultar que domina na essência da técnica moderna e não é propriamente nada técnico (Heidegger, 2000, p. 21).

¹ Todas as traduções constantes neste texto são de responsabilidade do autor.

Nessa perspectiva, faz-se mister destacar que, como essência da técnica moderna, a armação (*Gestell*) deve ser compreendida em seu sentido histórico-ontológico, isto é, como destino (*Geschick*) comum da tradição do pensamento ocidental. Em outras palavras, trata-se da destinação epocal do ser. Esse destino, no que lhe concerne, é um acontecimento-apropriador (*Ereignis*) na história do ser, pertencente ao movimento de doação e retração do próprio ser. Daí a articulação essencial da técnica moderna com a história do pensamento ocidental, enquanto desenvolvimento e intensificação do esquecimento do ser. Ela é, portanto, a consumação dessa tradição enquanto abandono do ser.

4 A TÉCNICA MODERNA COMO PERIGO E A POSSIBILIDADE DE SALVAÇÃO

Ao requisitar o ser humano a pôr a natureza como fundo de reserva disponível, a técnica moderna obstrui o espaço do pensamento meditativo concernente ao caminho do desencobrimento. Essa obstrução, segundo Heidegger, se caracteriza como “perigo”. Pois, a necessidade de controle em todas as suas ramificações possíveis, isto é, de dispor da natureza para explorá-la, armazená-la e transformá-la em fundo de reserva disponível, faz com que o ente seja desocultado unicamente como mera disponibilidade.

Nesse sentido, consolida-se a compreensão segundo a qual o homem é o “senhor da terra”. Capturado pela racionalidade técnico-calculadora própria da modernidade, o aí-ser, na era da técnica moderna, pensa ter encontrado seu sentido mais pleno, pois, para onde olha, enxerga apenas aquilo que pode ser apreendido por um tipo de racionalidade técnico-científica, ou seja, instrumental-sistemática. Em outras palavras, quando aquilo que estiver desocultado não concernir mais ao aí-ser, senão como disponibilidade e subsistência, de tal maneira que o ser humano seja aquele que requer somente no modo dessa disponibilidade, então, ele beirá o precipício, sendo ele mesmo requerido como algo disponível, manipulável, planificável. É dessa forma que ele se arroga o senhor da terra (Heidegger, 2000, p. 27-28).

Nesse cenário, revela-se aquilo que Heidegger denomina o perigo extremo (*äußerste Gefahr*). Esse perigo, enquanto tal, não ameaça somente o aí-ser em sua existência ôntica, mas sua própria essência. A possibilidade de uma submissão integral de todas as dimensões da existência humana pelo império da técnica moderna assume, no pensamento heideggeriano, uma nuance mais sombria: trata-se de uma ameaça à humanidade muito maior do que um conflito nuclear global. De acordo com o filósofo, esse perigo consiste na “[...] ameaça com a possibilidade de que ao homem poderia ser negada a entrada em um desocultar mais originário

e assim experimentar o encorajamento de uma verdade mais inicial” (Heidegger, 2000, p. 29).

Diante dessa ameaça, o pensamento de Heidegger volta-se para a companhia do poeta romântico alemão Hölderlin. Em sua companhia são oferecidas à reflexão heideggeriana as cifras a partir das quais se possa alcançar um possível caminho para o enfrentamento do perigo extremo instaurado pelo advento da técnica moderna. Resgatando a palavra do poeta no hino *Patmos* – “Mas onde há perigo, cresce também a salvação” (Heidegger, 2000, p. 29) –, o filósofo passa a meditar sobre a possibilidade de que a essência da técnica moderna resguarde em si o crescimento daquilo que salva.

Portanto, ao reconhecemos a armação não como um processo técnico inevitável, mas como uma destinação histórica do ser, reabre-se a possibilidade de corresponder ao apelo daquilo que nos endereça. Nesse contexto, o pensamento heideggeriano nos conduz em uma busca pelo “que salva” (*das Rettende*) não em uma volta romântica ao passado, mas no fomento de um pensamento meditativo e na recuperação da dimensão poética da técnica. A arte, que outrora compartilhou o nome com a técnica, reaparece como o lugar privilegiado onde o desocultamento pode ocorrer sem o desafio da exploração, devolvendo ao ente o seu mistério.

Em outras palavras, a salvação está articulada com a questão do sentido de ser, a qual precisa ser recolocada para além da onto-teo-logia. Exige-se, assim, um pensamento capaz de compreender o ser não como um ente supremo nem como uma propriedade fixa do ente, mas como um acontecer historial. É precisamente no âmago do perigo que pode reluzir um desocultar mais originário, cujo parentesco e proveniência Heidegger localiza na própria *téchne-poiesis* grega.

Nesse horizonte, a superação do perigo não se realiza mediante uma simples rejeição da técnica moderna, mas exige uma transformação do próprio modo de pensar que domina a tradição metafísica ocidental. Trata-se, portanto, de reencontrar o mistério da relação constitutiva entre ser e aí-ser (*Ereignis*), capaz de abrir espaço para um desvelamento que não reduza o ser à condição de ente disponível à representação e ao cálculo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De fato, é preciso recuperar o pensamento que pensa a verdade do ser rompendo com o desenraizamento do homem enquanto destino comum da tradição metafísica, isto é, rompendo com o pensamento que na história do ser tomou este último como ente, ambos como que

lançados no turbilhão de uma indistinção estranha e ainda não pensada.

Trata-se, portanto, de compreender que o ser, ou, os modos de ser dos entes, não corresponde, como no pensamento tradicional, à sua “quididade” (*quidditas, Was-sein*), isto é, ao que o ente é, como resposta à pergunta “o que é (isso)?” (*quid est*). Do mesmo modo, o ser, ou, os modos de ser dos entes, não pode ser entendido como um universal abstrato, ou, como constitutivo formal dos entes do mesmo gênero ou espécie: corporeidade, animalidade, racionalidade, humanidade etc. Em outras palavras, o ser não é idêntico a conceitos, gêneros ou espécies, nem mesmo aos elementos que compõem o ente, mas somente às dimensões essenciais de sua realidade.

Desse modo, o ser não pode ser entendido como estar-a-vista (*Vorhandenheit*), isto é, não pode ser interpretado ontologicamente a partir das categorias do pensamento metafísico tradicional, baseadas em uma noção de ser extraída da observação dos entes da natureza. Ao contrário, o ser deve ser entendido transitivamente, ou seja, não deve ser entendido como “presença constante”, substancialmente, mas, como verbo. Assim, ao compreender o ser em seu sentido verbal, Heidegger remete ao caráter historial (*geschichtlich*) do plano ontológico.

Por isso, a salvação não pode fincar raízes, crescer e florescer enquanto o aí-ser estiver preocupado por uma interpretação do ente enquanto tal como existência disponível. Ao invés, ele deve experimentar o perigo como perigo, isto é, divisar a essencialização na técnica moderna, e não apenas olhar para a técnica moderna. “Enquanto representarmos a técnica como instrumento, permaneceremos presos à vontade de dominá-la” (Heidegger, 2000, p. 36)². Em outros termos, não se trata de divisar aquilo que é o ente como um sujeito cognoscente ou psicológico; menos ainda de um olhar lançado de maneira superficial que examina o ente intramundano. Pelo contrário, trata-se de direcionar nossa visão, nosso olhar, para o ser mesmo. De divisarmos a essência da técnica e tomarmos o ser mesmo sob nossa salvaguarda.

Nesse sentido, “aquilo que salva” somente poderá se desvelar no âmago do perigo, se alcançar um desabrigo mais inicial e durável. Entretanto, esse desabrigo só pode fazer sua aparição quando o aí-ser reencontrar o espaço no qual a verdade do ser possa se manifestar. Portanto, distante dos domínios da tradição do pensamento ocidental, ou seja, longe dos domínios da metafísica como onto-teo-logia.

É justamente a partir dessa exigência de um outro modo de habitar a verdade do ser que a reflexão heideggeriana adquire seu alcance decisivo para o tempo presente. Em vez de

² Solange wir die Technik als Instrument vorstellen, bleiben wir im Willen hängen, sie zu meistern.

propor uma solução operacional para os impasses produzidos pela técnica moderna, Heidegger indica a necessidade de uma transformação do pensamento, capaz de preparar um espaço de escuta e acolhimento do ser para além da lógica da disponibilidade e do controle.

Assim, à guisa de conclusão, podemos afirmar que a reflexão heideggeriana não nos oferece uma solução técnica, mas um apelo à serenidade e à meditação. A relação entre a técnica antiga e a moderna revela que a salvação não está em demonizar ou controlar a tecnologia, mas em reencontrar um espaço onde a verdade do ser possa se manifestar como algo que nos é dado, e não como algo que produzimos e consumimos. O desafio contemporâneo, à luz desses 50 anos do legado de Martin Heidegger, permanece sendo o de experienciar o perigo como perigo, para que, no coração da armação, possamos talvez, uma vez mais, escutar o apelo de um desocultar poético.

REFERÊNCIAS

HEIDEGGER, Martin. **Die Frage nach der Technik**. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 2000.

HEIDEGGER, Martin. **Sein und Zeit**. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 1977.

VAZ, H. Lima. Esquecimento e memória do ser: sobre o futuro da metafísica. **Revista Síntese**, Belo Horizonte, v. 27, n. 88, p. 149-163, 2000.